

A ABORDAGEM INTEGRATIVA NO ESTUDO DE RESILIÊNCIA NO EMPREENDEDORISMO FEITO POR MULHERES

THE INTEGRATIVE APPROACH IN THE RESILIENCE STUDY IN ENTREPRENEURSHIP MADE BY WOMEN

1 Introdução

No contexto das pesquisas em empreendedorismo feito por mulheres, as investigações destacam sua importância para o crescimento econômico nacional e bem-estar social (De Vita, Mari & Poggesi 2014). Em função disso, o campo de empreendedorismo feminino apresenta um corpo robusto de estudos que, dentre outras temáticas, demonstram um profundo interesse quanto à variedade de adversidades e problemas enfrentados por elas em todas as etapas do processo empreendedor (Gupta, Goktan & Gunay 2014; Markussen & Røed, 2017; Nassif, Leão & Garçon 2018).

A mulher empreendedora vive situações próprias do gênero como conflito em conciliar o trabalho-família que gera atrito entre as atividades do trabalho doméstico, o cuidado dos filhos e o empreendimento, o que demanda muita resiliência para superar tais adversidades e conflitos (Mcgowan, Redeker, Cooper & Greenan; 2012; Nassif, Hashimoto, Borges, Falce & Lima, 2019).

A ameaça de estereótipo (Steele & Aronson, 1995), configura-se como uma condição psicológica e social limitante da atuação que surge quando estereótipos amplamente conhecidos sobre um grupo influenciam como os indivíduos se autocaracterizam ou se conformam com a visão mantida por outros. Um ambiente machista, e pautado pela sociedade do patriarcado contamina o ambiente de negócios e mulheres que empreendem passam por conflitos emocionais que podem influenciar, negativamente, o seu processo empreendedor como desmotivação e sentimento de incapacidade e infelicidade (Nassif *et al.*, 2018).

Neste sentido, a temática da resiliência entre mulheres empreendedoras passa a ser relevante para compreender o comportamento empreendedor relacionado ao enfrentamento e a capacidade para superar problemas e situações adversas ou inesperadas relacionados ao gênero.

Há estudos que envolvem resiliência como comportamento de superação frente às ameaças e barreiras, bem como, características psicológicas adaptativas (Fletcher & Sarkar, 2013). Mas, embora a resiliência apresente-se como um recurso importante para a manutenção dos empreendimentos (Da Silva, El-Aouar, Da Silva & De Sousa, 2019), há lacunas na literatura sobre esse comportamento entre mulheres e, ainda, sobre qual a melhor abordagem para estudá-lo.

Por considerar que aspectos racionais e emocionais atuam com o mesmo grau de influência no comportamento humano (Wallon, 1989) e, especificamente no do empreendedor (Baron, 2008), há evidências que aspectos cognitivos e afetivos também influenciam o comportamento da resiliência. Seguindo esses indícios, esse estudo exploratório busca identificar bases teóricas e empíricas que sustentem a proposição do uso da abordagem integrativa como a mais apropriadas aos estudos da resiliência de mulheres empreendedoras.

Para alcançar esse objetivo, este estudo teórico se vale de um levantamento de artigos na literatura, com o propósito identificar, na teoria e nas pesquisas aplicadas, a pertinência da utilização da abordagem integrativa nos estudos sobre resiliência de mulheres empreendedoras. Ao todo, 57 artigos foram analisados, localizados nas principais bases nacionais e internacionais, sob critérios de relevância e avaliado por pares e pelos termos resiliência, resiliência entre mulheres; aspectos cognitivos e afetivos; empreendedorismo;

empreendedorismo feminino; abordagem integrativa, com versões em português e inglês, isolados ou em conjunto.

Seguindo as orientações de Ridley (2012), por meio de técnicas de comparação e contraste entre teoria, estudos clássicos e pesquisas aplicadas, foi possível debater conceitos, analisar um grande número de trabalhos e encontrar similaridades e congruências entre os comportamentos cognitivo, afetivo e resiliente que justificam a abordagem integrativa como paradigma de estudos.

Como principal contribuição, esse trabalho indica como a abordagem integrativa pode oferecer um dispositivo explicativo sobre as relações entre ameaças de gênero e a resiliência. Também, ilumina caminhos para pesquisas futuras que possam comprovar, empiricamente, o grau do afetivo e no cognitivo no comportamento resiliente das mulheres empreendedoras tendo, como ponto de interesse, as ameaças referentes ao estereótipo de gênero.

2 Referencial Teórico

2.1 Aspectos afetivos e cognitivos do comportamento empreendedor

A literatura aponta como as características comportamentais empreendedoras possuem papel central na identificação e exploração de novas oportunidades (Miller & Le Breton-Miller, 2011). Inserida nessa perspectiva, os aspectos emocionais vêm chamando atenção desde quando Baron (2008) passou a defendê-los nos estudos do comportamento do empreendedor. Para o autor, o comportamento empreendedor deve ser analisado sob todas as perspectivas humanas, ou seja, pelo olhar da cognição e da emoção as quais ele chamou de abordagem integrativa.

A indissociabilidade entre cognição e afetividade já vinha sendo defendida por Wallon (1989), que comprovava como as emoções têm forte relação com os aspectos cognitivos, sendo interdependentes e complementares. Embora existam fases em que predominam o afetivo e fases em que predominam os cognitivos, ambas atuam em conformidade para permitir que o indivíduo reconheça suas próprias disposições para entrar em interação com outros indivíduos e vivenciar diferentes experiências durante sua vida (Wallon, 1989). Para Nassif (2014), os pensamentos influenciam os sentimentos, bem como, o sentir configura a forma de pensar.

Concebe-se as capacidades afetivas como emoções, afeto, sentimentos, paixão, humor e temperamento; e cognitivas como percepção, a inteligência, o aprendizado, a criatividade, o raciocínio e a capacidade de resolver problemas (Walker, 2011).

Weiten (2010) afirma que afetividade e a cognição subsidiam os processos mentais que influenciam o modo pelo qual nos comportamos. Enquanto o aspecto cognitivo é a maneira preferida que uma pessoa coleta, processa e avalia as informações (Broek, Vanderheyden & Cools, 2003) fundamentada na memória (Baron & Shane, 2007), os aspectos afetivos referem-se aos humores temporários e sentimentos que os indivíduos experimentam ao longo das suas vidas (Baron, 2008). Que podem interferir no processo de coleta e análise da informação, por meio das marcas subjetivas deixadas na experiência.

No âmbito do comportamento empreendedor, indissociabilidade entre afetivo e cognitivo pode ser encontrada durante todo o processo de empreendedorismo, influenciando o julgamento, a tomada de decisão, a intenção e vontade de agir dos empreendedores. Por exemplo, afetividade positiva, como a paixão por uma ideia, pode prejudicar o comportamento de planejamento e influenciar a tomada de decisões prematura. Como também, o entusiasmo pode encorajar os empreendedores a adotar estratégias altamente persuasivas, reunindo investidores, clientes e empregados em torno de sua ideia. Por outro lado, sentimentos negativos podem levar empreendedores à superestimar a importância da informação negativa e a rejeitar

oportunidades que poderiam ser promissoras (Baron, 2008; Baron, Hmieleski & Henry, 2012; Foo, Uy & Baron, 2009; Ruskin, Seymour & Webster, 2016; Welpe, Spörrle, Grichnik, Michl & Audretsch, 2012).

A abordagem integrativa proposta por Baron (2008) traz importante contribuição ao campo ao considerar que a construção da inteligência de negócio depende da interrelação do afetivo e do cognitivo, que permite às pessoas um reconhecimento de suas próprias possibilidades como primeiro recurso empreendedor. Em se tratando do universo do empreendedorismo feminino, pode contribuir ainda mais para o entendimento do comportamentos de resiliência adotados.

2.2 As ameaças de estereótipo de gênero

O cenário do empreendedorismo feminino é repleto de ameaças em função do estereótipo do gênero (Steele & Aronson, 1995), que cria dificuldades psicológicas e sociais em função de uma autoimagem limitadora construída a partir de modelos preconceituosos mantidos em determinadas sociedades e culturas. Assim, muitas das dificuldades encontradas por mulheres empreendedoras são criadas no âmbito de uma sociedade machista e fundada em valores do patriarcado (Nassif *et al.*, 2018). Por exemplo, o sentimento de incapacidade e insegurança profissional são consideradas ameaças afetivas por Nassif *et al.* (2018), visto que são formadas por sentimentos originados na pressão de compromissos referentes aos papéis sociais impostos às mulheres como conciliar emprego e tarefas da casa. Essa carga emocional pode afetar o empreendimento, à medida que causa um sofrimento psicológico durante a realização das atividades cotidianas, seja por motivos individuais - sentimento de culpa por não atender as necessidades da família como acha que deveriam; seja por motivos profissionais – por não conseguir se dedicar plenamente ao seu negócio.

O mais preocupante nesse cenário é que tais problemas são recorrentes e persistentes por terem difícil solução imediata (Markussen & Røed, 2017). O que pode minar a orientação empreendedora das mulheres porque, embora elas apresentem atributos positivos para atuarem em seus negócios, alguns desses atributos podem se perder e limitar suas ações em situações adversas e de pressão extrema (Cruz & Moraes, 2013).

Por isso que, em se tratando de empreendedorismo feito por mulheres, a resiliência torna-se um tema fundamental para as pesquisas. E, não basta estudá-la apenas sob o ponto de vista da razão e cognição. É importante avaliar os aspectos afetivos envolvidos nesse comportamento.

A literatura vai apontar evidências de que os fatores cognitivos e afetivos têm forte influência no comportamento resiliente do empreendedor (Cardon, Wincent, Singh & Drnovsek, 2009; Dahles & Susilowati, 2015; Ngah & Salleh, 2015; Williams & Vorley, 2014), embora os estudiosos insistam em estudá-lo de maneira fragmentada.

2.3 Os estudos sobre resiliência

A literatura apresenta um amplo escopo de trabalhos sobre resiliência fundados, principalmente, nas disciplinas da Psicologia e Negócios. Grande parte deles aproxima esse construto de variáveis como adaptabilidade, transformabilidade e vulnerabilidade (Korber & McNaughton, 2017), flexibilidade, otimismo, perseverança e constância no enfrentamento de problemas (De Vries & Shields, 2006; Hmieleski, Carr & Baron, 2015).

Autores buscam compreender por que sujeitos resilientes têm melhor desempenho em seus empreendimentos que aqueles não resilientes. Sob este aspecto, Bullough e Renko (2013)

ênfataz que, sem resiliência, as pessoas apresentam dificuldades de engajar-se em alguns dos comportamentos empreendedores indispensáveis para iniciar negócios, buscar novas atividades e perpetuar reações cautelosas diante das adversidades enfrentadas. Shepherd, Saade e Wincent (2020) identificaram que há indivíduos que desempenham melhor em situações de estresse, transformando sentimentos negativos em combustível para a busca de resultados positivos. Hmieleski *et al.* (2015) comprovaram a relação entre capital psicológico e resiliência, sendo o resultado dessa conexão o entusiasmo para preservar e superar situações de crise, evitando grandes retrocessos em seus negócios. E, Biggs, Schlüter, Biggs, Bohensky, BurnSilver, Cundill, Dakos, Daw, Evans & Kotschy (2012) já haviam descoberto que dureza, persistência e autoeficácia são características importantes das pessoas resilientes que podem refletir no encorajamento para lidar com aspectos sociais e gerenciais do trabalho.

Procurando entender a evolução e a variedade que circunstancia resiliência, Fletcher e Sarkar (2013) dividiram o conceito em três conjuntos:

i) resiliência como construção operacionalizada sobre duas vertentes: adversidade e adaptação positiva. Há evidências que a resiliência é necessária para responder à diferentes adversidades, que vão desde problemas contínuos até grandes eventos da vida;

ii) resiliência como traço ou processo que influencia as características psicológicas em contexto de estresse. A premissa deste conjunto é que os estressores (sentimentos) surgem do ambiente em que a pessoa opera, são mediados pelos processos de percepção, avaliação e enfrentamento (cognitivo) e, conseqüentemente, resultam em respostas positivas ou negativas, além dos sentimentos vivenciados. A premissa deste conjunto considera que a resiliência é influenciada por um sentimento de estresse controlado pela avaliação racional que direciona para seu enfrentamento. Esse processo dinâmico e concomitante entre afetivo e cognitivo resultam em respostas positivas ou negativas frente à adversidade;

iii) resiliência como pontos fortes de “identificação, fortificação e enriquecimento de qualidades ou fatores protetores resilientes” (Richardson, 2002, p.308). Essa linha dissocia o comportamento de resiliência com o enfrentamento de adversidades e está presente em um conjunto crescente de estudos que evidenciam que, embora esses conceitos sejam intercambiáveis, são construtos distintos (Campbell-Sills, Cohan & Stein, 2006; Major, Richards, Cooper, Cozzarelli & Zubek, 1998; Van Vliet, 2008).

Korber e McNaughton (2017) trazem um entendimento sobre resiliência que destaca o valor da autoconsciência empreendedora, reflexividade e aprendizagem contínua. Eles argumentam que a resiliência empreendedora é válida apenas se denotar um comportamento proativo, baseado em uma capacidade de superação formada em um processo dinâmico e contextualizado por condições adversas.

Contribuindo ainda mais com esse ponto, Shepherd *et al.* (2020) também apontam a necessidade de entender a resiliência durante um longo período porque, quando se trata de adversidades substanciais e persistentes, a ação empreendedora, provavelmente, desempenha um papel central na resiliência. Da Silva *et al.* (2019) corroboram com essa afirmação, ao comprovarem, em estudo quantitativo com empreendedoras brasileiras, como a resiliência está correlacionada com a motivação e ao desejo de seguir em frente com seus negócios.

3. Análises e resultados direcionados à abordagem integrativa

Empreendedores resilientes são retratados como indivíduos que prosperam, apesar de normas sociais, culturais e políticas restritivas (Loh & Dahesihsari, 2013).

O estudo da realidade empreendedora das mulheres indica, claramente, como a resiliência apresenta-se como um pilar fundamental para a ação empreendedora e a continuidade dos negócios. E, assim se estabelece porque ela abarca, entre seus mecanismos de defesa e enfrentamento, os mesmos elementos que criam as ameaças por estereótipo: a racionalidade e a emotividade.

Essa constatação é possível pela leitura transversal realizada na literatura. É possível identificar que a resiliência é composta por traços cognitivos e afetivos que atuam, de maneira concomitante, em direção ao bom ajustamento de respostas em direção à continuidade do negócio. Todos os aspectos pessoais e de experiências aprendidos ao longo da vida – sejam de aspectos emocionais ou cognitivos -, são acionados diante de uma adversidade para darem respostas positivas e soluções.

Essa compreensão está de acordo com todas as estratégias de enfrentamento identificadas por Morero, Bragagnollo & Santos (2018), bem como, em todas as ocasiões de bem-estar psicológico dos empreendedores estudadas por Uy, Foo & Song (2013). E também vem ao encontro das quatro proposições de qualidades comportamentais alinhados à resiliência propostas por De Vries e Shields (2006): flexibilidade, alta motivação, perseverança e otimismo.

Desta maneira, considerar a abordagem integrativa nos estudos de resiliência parece ser uma metodologia coerente e útil, principalmente, no contexto de empreendedorismo feminino. A proposta de Baron (2008) leva em consideração sentimentos, afetos e emoções advindos da cultura, valores e educação que influenciam fortemente o processamento e interpretação das informações úteis para a tomada de decisões.

Um exercício que ilustra essa proposição pode ser feito com Korber e McNaughton (2017) e Nassif *et al.* (2018 e 2019).

Korber e McNaughton (2017) consideram a resiliência empreendedora como uma trajetória positiva de longo prazo, pautada em três dimensões essenciais: autoconsciência empreendedora, reflexividade e aprendizagem contínua. Nassif *et al.* (2018 e 2019), estudaram os comportamentos de superação de empreendedoras sob a abordagem integrativa indicando elementos afetivos e cognitivos nas suas estratégias.

Podemos alinhar ambos estudos da seguinte maneira ao constatar que as empreendedoras brasileiras são conscientes das ameaças que sofrem, oriundas do ambiente de negócios, familiar e de seus aspectos emocionais e utilizam, de forma recorrente, mecanismos que se integram às variáveis de Korber e McNaughton (2017): em aprendizagem contínua, as mulheres buscam por cursos de especialização e de aprimoramento em instituições como Sebrae; em autoconsciência empreendedora, elas utilizam suas redes de apoio como recurso cognitivo (por exemplo, o uso de homens em negociações comerciais) e emocionais (como controle emocional, jogo de cintura e suporte com outras mulheres) para superarem suas limitações.

Por considerarem a resiliência um comportamento proativo e dinâmico e persistente ao longo do tempo, a proposição conceitual de Korber e McNaughton (2017) parece ser o mais alinhado à realidade do empreendedorismo feminino e à abordagem integrativa.

Por fim, a abordagem integrativa mostra-se competente em dar conta de investigar a resiliência como um fenômeno complexo (Sippel, Pietrzak, Charney, Mayes & Southwick, 2015), construído por meio de relações humanas funcionais e emotivas entre mulheres empreendedoras e o ambiente social, cultural, econômico e biofísico imediato (Almedom,

2015), que desempenham um papel central para compreender como as mulheres enfrentam suas dificuldades em contextos adversos.

4. Considerações finais

Os estudos sobre a resiliência têm se tornado uma área emergente e importante para os formuladores de políticas públicas, organizacionais, desenvolvimento profissional e entre acadêmicos (Korber & McNaughton, 2017). Trata-se de um tema relevante para compreender o comportamento empreendedor relacionado ao enfrentamento e a capacidade para superar problemas e situações adversas ou inesperadas, conforme citado Blanco & Montes-Botella, (2017).

Essa pesquisa exploratória traz contribuições teóricas importantes, ao propor um maior aprofundamento nos estudos sobre resiliência entre mulheres empreendedoras. Em primeiro lugar, ilumina a problemática do estereótipo como fonte de ameaças que se configuram, não apenas como elementos tangíveis do negócio como, também, em aspectos emocionais. E, em segundo lugar, e por conta desse primeiro, propõe que estudos sobre resiliência com esse público só poderão estar completos se considerarem a indissociabilidade entre cognição e afeto inerente ao empreendedorismo feito por mulheres. Para tanto, indica a abordagem integrativa proposta por Baron (2008), como a melhor alternativa metodológica porque considera ambas dimensões como interdependentes e complementares. Percebe-se que neste ambiente tão adverso, as emoções, sentimentos, afeto, humor e paixões podem nortear as decisões das empreendedoras, à medida que produzem pistas sobre os caminhos a serem seguidos (Nassif, 2014).

Também é possível refletir que políticas públicas voltadas para o empreendedorismo feito por mulheres devem se preocupar com as fontes sociais, culturais e regionais e com o combate ao preconceito de estereótipo. Não basta apenas o fomento de investimento ou diminuição de burocracias para incentivar o empreendedorismo. É mister desenvolver fatores que coíbem as ameaças, dificuldades e obstruções advindas da estrutura do patriarcado, ainda presentes na sociedade.

No campo gerencial, indica que a resiliência relacionada a autoconsciência empreendedora, reflexividade e aprendizagem implica em investimentos em autoconhecimento visando o fortalecimento da sua resiliência empreendedora.

Esse estudo indica caminhos para pesquisas futuras com a verificação empírica sobre os elementos afetivos e cognitivos e contribuição dos mesmos na resiliência de empreendedoras, bem como, a intensidade de cada um desses elementos durante as etapas do processo empreendedor.

Referências

- Almedom, A. M. (2015). Understanding human resilience in the context of interconnected health and social systems: Whose understanding matters most? *Ecology and Society*, 20(4).
- Baron, R. A., & Shane, S. (2007). Entrepreneurship: A process perspective. The psychology of entrepreneurship, 19-39.

- Baron, R. A. (2008). The role of affect in the entrepreneurial process. *Academy of management Review*, 33(2), 328–340.
- Baron, R. A., Hmieleski, K. M., & Henry, R. A. (2012). Entrepreneurs' dispositional positive affect: The potential benefits—and potential costs—of being “up”. *Journal of business venturing*, 27(3), 310–324.
- Biggs, R., Schlüter, M., Biggs, D., Bohensky, E. L., BurnSilver, S., Cundill, G., Dakos, V., Daw, T. M., Evans, L. S., & Kotschy, K. (2012). Toward principles for enhancing the resilience of ecosystem services. *Annual review of environment and resources*, 37, 421–448.
- Blanco, J. M. M., & Montes-Botella, J.-L. (2017). Exploring nurtured company resilience through human capital and human resource development. *International Journal of Manpower*, 38(5), 661–674.
- Bullough, A., & Renko, M. (2013). Entrepreneurial resilience during challenging times. *Business Horizons*, 56(3), 343–350.
- Campbell-Sills, L., Cohan, S. L., & Stein, M. B. (2006). Relationship of resilience to personality, coping, and psychiatric symptoms in young adults. *Behaviour research and therapy*, 44(4), 585–599.
- Cardon, M. S., Wincent, J., Singh, J., & Drnovsek, M. (2009). The nature and experience of entrepreneurial passion. *Academy of management Review*, 34(3), 511–532.
- Da Silva, P. M. M., El-Aouar, W. A., da Silva, A. W. P., & de Sousa, J. C. (2019). A resiliência no empreendedorismo feminino. *Gestão e Sociedade*, 13(34).
- Dahles, H., & Susilowati, T. P. (2015). Business resilience in times of growth and crisis. *Annals of Tourism Research*, 51, 34–50.
- De Vita, L., Mari, M., & Poggese, S. (2014). Women entrepreneurs in and from developing countries: Evidences from the literature. *European Management Journal*, 32(3), 451–460.
- De Vries, H., & Shields, M. (2006). Towards a theory of entrepreneurial resilience: A case study analysis of New Zealand SME owner operators. *New Zealand Journal of Applied Business Research*, 5(1), 33–43.
- Fletcher, D., & Sarkar, M. (2013). Psychological resilience. *European psychologist*.
- Foo, M.-D., Uy, M. A., & Baron, R. A. (2009). How do feelings influence effort? An empirical study of entrepreneurs' affect and venture effort. *Journal of Applied Psychology*, 94(4), 1086.
- Gupta, V. K., Goktan, A. B., & Gunay, G. (2014). Gender differences in evaluation of new business opportunity: A stereotype threat perspective. *Journal of Business Venturing*, 29(2), 273–288.
- Hmieleski, K. M., Carr, J. C., & Baron, R. A. (2015). Integrating discovery and creation perspectives of entrepreneurial action: The relative roles of founding CEO human capital, social capital, and psychological capital in contexts of risk versus uncertainty. *Strategic Entrepreneurship Journal*, 9(4), 289–312.
- Korber, S., & McNaughton, R. B. (2017). Resilience and entrepreneurship: A systematic literature review. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 41(6), 519–539.

- Loh, J. M., & Dahesihsari, R. (2013). Resilience and economic empowerment: A qualitative investigation of entrepreneurial Indonesian women. *Journal of Enterprising Culture*, 21(01), 107–121.
- Major, B., Richards, C., Cooper, M. L., Cozzarelli, C., & Zubek, J. (1998). Personal resilience, cognitive appraisals, and coping: An integrative model of adjustment to abortion. *Journal of personality and social psychology*, 74(3), 735.
- Markussen, S., & Røed, K. (2017). The gender gap in entrepreneurship—The role of peer effects. *Journal of Economic Behavior & Organization*, 134 (C), 356–373.
- Morero, J. A. P., Bragagnollo, G. R., & Santos, M. T. S. (2018). Estratégias de enfrentamento: Uma revisão sistemática sobre instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. *Revista Cuidarte*, 9(2), 2257–2268.
- Nassif, V. M. J., Borges, C., Lima, E. O., & Hashimoto, M. (2019). Tipologia de Ameaças e Comportamentos de Superação: Uma Análise no Contexto Vivenciado por Mulheres Empreendedoras. *Anais do XLIII Encontro da ANPAD*. EnANPAD 2019.
- Nassif, V. M. J., Leão, A. L. D. B. C., & Garçon, M. M. (2018). O Afetivo e o Cognitivo de Mãos Dadas: Uma avaliação das ameaças e comportamentos de superação no empreendedorismo por mulheres. *Anais do SEMEAD*. SEMEAD, 2018, São Paulo-SP.
- Nassif, V. M. J. (2014). Aspectos Afetivos e Cognitivos: Uma Relação Indissociável para Compreender o Comportamento do Empreendedor. *Goiânia: VIII EGEPE*.
- Ngah, R., & Salleh, Z. (2015). Emotional intelligence and entrepreneurs' innovativeness towards entrepreneurial success: A preliminary study. *American Journal of Economics*, 5(2), 285–290.
- Richardson, G. E. (2002). The metatheory of resilience and resiliency. *Journal of clinical psychology*, 58(3), 307–321.
- Ridley, D. (2012). *The literature review: A step-by-step guide for students*. SAGE.
- Ruskin, J., Seymour, R. G., & Webster, C. M. (2016). Why create value for others? An exploration of social entrepreneurial motives. *Journal of Small Business Management*, 54(4), 1015–1037.
- Shepherd, D. A., Saade, F. P., & Wincent, J. (2020). How to circumvent adversity? Refugee-entrepreneurs' resilience in the face of substantial and persistent adversity. *Journal of Business Venturing*, 35(4), 105940.
- Sippel, L. M., Pietrzak, R. H., Charney, D. S., Mayes, L. C., & Southwick, S. M. (2015). How does social support enhance resilience in the trauma-exposed individual? *Ecology and Society*, 20(4).
- Steele, C. M., & Aronson, J. (1995). Stereotype threat and the intellectual test performance of African Americans. *Journal of personality and social psychology*, 69(5), 797.
- Uy, M. A., Foo, M.-D., & Song, Z. (2013). Joint effects of prior start-up experience and coping strategies on entrepreneurs' psychological well-being. *Journal of business venturing*, 28(5), 583–597.

Van Den Broek, H., Vanderheyden, K., & Cools, E. (2003). Individual differences in cognitive styles. Development, validation and cross validation of the Cognitive Styles Inventory. Vlerick Leuven Gent Management Schools Working Paper Series.

Van Vliet, K. J. (2008). Shame and resilience in adulthood: A grounded theory study. *Journal of counseling psychology*, 55(2), 233.

Walker, S. (2011). Affect: How does it influence one's entrepreneurial cognitions? *Journal of Enterprising Culture*, 19(02), 125–146.

Wallon, H. (1989). *As origens do pensamento na criança*. Manole.

Weiten, W. (2010). *Introdução à Psicologia: Temas e variações*. Cengage Learning Editores.

Welpe, I. M., Spörrle, M., Grichnik, D., Michl, T., & Audretsch, D. B. (2012). Emotions and opportunities: The interplay of opportunity evaluation, fear, joy, and anger as antecedent of entrepreneurial exploitation. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(1), 69–96.

Williams, N., & Vorley, T. (2014). Economic resilience and entrepreneurship: Lessons from the Sheffield City Region. *Entrepreneurship & Regional Development*, 26(3–4), 257–281.